

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS EM AVALIAÇÕES NO ENSINO SUPERIOR

Márcia Regina Curado Pereira MARIANO (Universidade de São Paulo)

ABSTRACT: The purpose of this work is to analyze the answers elaborated by students of the first year of the language and literature course in written tests, and to observe the main argumentative strategies used to persuade the teacher.

KEYWORDS: Argument; rhetoric; persuasion; interaction; discourse.

0. Introdução

A estreita relação entre *explicar* e *argumentar*, observada em nossa dissertação de mestrado defendida em 2002, somada a nossa experiência como docente no ensino superior, levou-nos ao interesse pelas estratégias argumentativas utilizadas por alunos em seus discursos. Tal curiosidade deu origem ao projeto de tese “As figuras de argumentação como estratégias discursivas. Um estudo em avaliações no ensino superior”, em andamento, em que analisamos respostas elaboradas por alunos em provas escritas do primeiro ano do curso de Letras de instituições públicas e privadas, sob a luz dos fundamentos retóricos e neo-retóricos.

Neste projeto, o fato de o aluno não buscar apenas convencer o professor nas avaliações, mas persuadi-lo por meio de diferentes estratégias discursivas, constitui nossa hipótese principal e provoca questionamentos, dentre eles: quais são essas estratégias e como identificá-las? O que essas estratégias “dizem” do professor e do aluno, revelando o *ethos* desses sujeitos da enunciação? São essas questões que retomamos rapidamente neste artigo, cujo objetivo é levar-nos a conhecer um pouco mais sobre o *fazer persuasivo* do aluno nas avaliações.

Com o intuito de situar o leitor nessas questões, dividimos nosso trabalho em duas partes principais. A primeira apresenta, de modo sucinto, dentre outros aspectos, a definição de Retórica segundo Aristóteles, a retomada de princípios aristotélicos pela neo-retórica de Perelman e a classificação de figuras segundo este último autor. Já a

segunda parte do artigo preocupa-se com a análise efetiva do *corpus* a partir da teoria apresentada inicialmente. Por fim, fazemos algumas considerações finais e indicamos a bibliografia utilizada.

1. Breve reflexão sobre a Retórica

1.1. A Retórica de Aristóteles

Já na Antiguidade greco-romana era latente a preocupação do homem com as relações entre pensamento e linguagem. Platão, Sócrates e os sofistas refletiam, dentre outras questões, sobre objetividade e subjetividade, relacionadas por Aristóteles, consecutivamente, à Lógica Formal e à Retórica.

Aristóteles define Retórica como “*a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão*” (s/d: 33). Se por um lado, ao delegar à Retórica a persuasão o filósofo a separa da Lógica Formal, por outro lado, ele se compromete tanto com a construção da argumentação em diferentes situações, como com a eficácia do discurso produzido.

Segundo o filósofo, *convencer* estaria ligado à Lógica Formal, aos discursos demonstrativos, e *persuadir* à Retórica, aos discursos argumentativos, em que se nota não só a presença da razão, mas também das paixões, do razoável, do plausível, enfim, do não-racional.

É, pois, inerente à Retórica, desde seus primórdios, a preocupação com o auditório, tanto na elaboração do discurso, quanto na transmissão dessa mensagem (Mosca;1999:11). Entretanto, essas noções básicas da Retórica aristotélica, fundada sobre a argumentação e a verossimilhança, perderam-se com o tempo, e “fazer Retórica” ou o “texto retórico” tornaram-se sinônimos de “discurso vazio”. A recuperação desses conceitos foi lenta e ainda hoje o termo *retórica* é bastante utilizado de forma pejorativa, com o sentido de discurso florido e desprovido de conteúdo.

Foi a recuperação das noções aristotélicas, realizada, sobretudo, por Toulmin, Perelman e Tyteca no final dos anos 50 e início dos anos 60, que deu origem às neo-retóricas e salvou a Argumentação e a Retórica das distorções e do desprezo sofridos no século XIX, em que se valorizou a ciência, a objetividade e a lógica formal.

1.2 Perelman e as neo-retóricas

Neste cenário de descrédito da Retórica, Perelman anunciou um novo estudo, situado entre a Lógica e a Psicologia, que tem como objetivo

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

estudar os *meios de argumentação não pertencentes à lógica formal, e que permitem obter ou aumentar a adesão do outro* (Perelman, 1997: 57).

Para a Teoria da Argumentação perelmaniana, toda argumentação sugere uma seleção prévia dos fatos e da forma como esses fatos serão realizados dentro de um contexto lingüístico e de acordo com um auditório determinado, caracterizando-se o processo argumentativo como uma atividade intersubjetiva, cuja finalidade não é apenas comunicar, mas agir sobre o outro.

Ainda de acordo com o autor, essas escolhas também indicam os juízos de valor do orador, e permitem encontrar, mesmo no discurso mais objetivo (o científico, por exemplo), a subjetividade do falante.

Ao sugerir uma argumentação centrada no uso efetivo da linguagem – em que importa quem são os sujeitos envolvidos, quais os lugares sociais ocupados, e as possibilidades de conflitos e acordos – as retóricas contemporâneas abriram espaço para uma revisão dos fundamentos aristotélicos, e abrigaram colaborações de outras disciplinas como a Pragmática, a Lingüística, a Semiótica e a Teoria da Informação (Mosca, 2001:18).

A relação entre os fundamentos retóricos e essas diferentes áreas de estudo deu origem a diversas tendências neo-retóricas, que preservam os preceitos aristotélicos privilegiando o exercício da argumentação nos fatos cotidianos, e acreditando na argumentatividade como um componente intrínseco a todos os discursos, na medida em que neles estão presentes não apenas a razão, como as *paixões*, segundo Mosca (2001). Dentre as diversas questões discutidas pela retórica aristotélica e pelas neo-retóricas, encontra-se o estudo das figuras, que assume um papel significativo por sua importância discursiva e histórica.

1.3 As figuras de argumentação e retórica

Segundo Guimarães (2001), a figura se caracteriza como uma forma especial de falar e estabelece uma negociação da distância entre *expressão* e *conteúdo*, a partir do acréscimo de diferentes significados aos signos da língua. As figuras de retórica cumprem o papel de ponte entre o arranjo dos elementos lingüísticos – a *dispositio* – e a representação do discurso pelo sujeito – a *actio*. Situadas, portanto, na parte classificada pela retórica aristotélica como *elocutio*, as figuras de retórica vêm desempenhar uma função importante no processo argumentativo, aparecendo como uma atividade estruturante e persuasiva do discurso.

Partindo desta orientação, as figuras de retórica não são consideradas apenas “ornamentos” sobrepostos à língua – relacionadas à

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

velha noção de retórica como uma técnica de estilo “florido e vazio” - mas são formas diferentes de falar, de acordo com finalidades específicas. O efeito de surpresa causado pela utilização de determinadas formas é o que pode nos indicar a presença de uma figura de retórica: “*o que é normal num certo contexto, não o é noutro: os trajes de festa não se notam nas circunstâncias apropriadas*” (Perelman, 1993, p. 58).

Tendo como base as figuras retóricas tradicionais apontadas por Aristóteles, bem como os efeitos concretos das figuras nos discursos, Perelman propõe sua classificação em:

1. Figuras de escolha (de seleção/de caracterização): procuram “*impor ou sugerir uma caracterização*” (Guimarães, 2001, p.153); ex: definições; descrições; interpretações.
2. Figuras de presença: “despertam o sentimento da *presença do objeto do discurso* na mente tanto de quem o profere quanto daquele que o lê ou ouve” (*ibid.*, p.154); ex.: repetição; sonoridade (rimas, homofonia...); detalhação do objeto.
3. Figuras de comunhão: oferecem “*um conjunto de caracteres referentes à comunhão com o auditório*” (*ibid.*, p.156); ex: alusão, citação, apóstrofe, pressuposição, enálage.

A partir da classificação perelmaniana, observaremos alguns exemplos do emprego de figuras de argumentação e retórica em nosso *corpus*.

2. As figuras de retórica como estratégias argumentativas: análise e reflexão

Tendo em vista a concepção de figura como presença do *inesperado* ou da *surpresa*, selecionamos em meio ao material disponível respostas elaboradas pelos alunos que chamassem a atenção por apresentar estratégias diferentes daquelas exigidas ou esperadas na situação comunicativa em questão, ou seja, na prova escrita. Seguindo este critério de seleção do *corpus*, chegamos aos exemplos analisados abaixo.

Visando a uma melhor observação destas estratégias discursivas, sinalizamos a presença das figuras por meio da utilização das seguintes fontes:

- **negrito**, para as figuras de escolha,
- *itálico* para as figuras de presença,
- sublinhado para as figuras de comunhão.

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Exemplos:

Questão A: Tendo em mente as noções de hiponímia e hiperonímia, bem como suas propriedades discursivas, explique as diferenças entre os seguintes trechos de enunciados:

a) Às cinco em ponto da tarde, o carteiro entrou na lanchonete lotada. No balcão, o homem pediu um café curto.

b) Às cinco em ponto da tarde, o homem entrou na lanchonete lotada. No balcão, o carteiro pediu um café curto.

Resposta 1:

As noções de hiponímia e hiperonímia são:

hiponímia: é a relação de significado entre palavras com significado específico para o significado geral na linguagem.

hiperonímia: é a relação de significado entre palavras com significado geral para o significado específico na linguagem.

Explicando as diferenças de significado nas expressões (a) e (b), são: na expressão (a) encontramos a hiperonímia, onde a palavra homem pode englobar o carteiro, o advogado, o escritor, etc. (...)

Na expressão (b) encontramos a hiponímia (...)

Explicação das frases inteiras:

(a) O enunciado refere-se primeiro ao carteiro e após ao homem sendo assim uma hiponímia (e assim esse homem refere-se ao carteiro).

(b) O enunciado refere-se ao homem e após ao carteiro sendo assim uma hiperonímia (no caso o homem pode ser ou não o carteiro)

É possível observar na resposta 1 a opção feita pelo aluno por definir hiponímia e hiperonímia, embora o enunciado da questão não tenha pedido uma definição. Tal opção aparece como uma estratégia argumentativa que visa persuadir o professor, evidenciando o conhecimento do aluno, caracterizando-se como uma figura de escolha. As paráfrases ou retomadas do enunciado ou de partes da resposta – indicadas em itálico –, por sua vez, apontam para uma preocupação com o detalhamento das noções lingüísticas em questão e procuram reforçar, a

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

partir da repetição de sentidos, que o aluno detém tal sabedoria, caracterizando-se como figuras de presença.

Essa preocupação com a compreensão da resposta é vista também na utilização de explicações complementares entre parênteses (apóstrofes), que podem figurar como um pedido de atenção por parte do aluno e constituem figuras de comunhão. Já os exemplos de profissões – “o carteiro, o advogado, o escritor, etc” - aludem para um conhecimento social compartilhado entre orador e auditório (aluno e professor, no caso) buscando também obter a adesão do Outro por meio da comunhão.

É nesta direção que Plantin (1998) estabelece a relação entre *argumentação* e *negociação*. Segundo o autor, a argumentação fornece a possibilidade de se transformar o estado inicial da interação verbal por meio de estratégias argumentativas utilizadas pelos interlocutores.

Já de acordo com Grize (1990), o sentido não está na estrutura ou na gramática e na semântica de uma língua, mas está naquele que olha, escuta ou lê, ou seja, está em “dar sentido a alguma coisa”, ou ainda, conferir um conteúdo a uma forma dada.

Resposta 2: (referente à questão A (acima) – explicação do trecho (b))

Na mesma circunstância mencionada na sentença anterior: “às cinco horas da tarde” e também “na lanchonete lotada” o “homem entrou”. Ora, homem é hiperônimo. Há vários homens: carteiros, pedreiros, escriturários, bandidos, etc. “Homem” aqui pode referir-se a qualquer homem...

Na resposta 2 notamos, inicialmente, a retomada de partes do enunciado analisado para tornar presente o objeto do discurso. Além da alusão a profissões exercidas pelos homens, a utilização de “ora” e “pode referir-se” busca a comunhão com o auditório, ganhando características de diálogo (o que, por si só, já se caracteriza como uma figura de escolha) e apresentando a resposta como um saber compartilhado entre orador e auditório.

Questão B: Examine o seguinte trecho de “Feitiço da Vila” e responda:

“... *mais tenho que dizer
modéstia à parte
meus senhores
eu sou da Vila*”

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Podemos considerar que há performativo explícito nesses versos de Noel Rosa? Identifique-o e justifique sua resposta, apontando marcas lingüísticas.

Resposta 3:

Há performativo explícito “Eu sou da vila” (caracteriza que é boêmio:conhecimento do subúrbio, do samba).

Resposta 4:

Há a ocorrência de performativo explícito nos versos transcritos, visto que é possível substituir “tenho que dizer” pelo verbo “digo”, o qual se caracteriza como performativo por atender as condições gramaticais (1ª pessoa do singular, presente do indicativo, voz ativa). O caráter explícito é evidenciado pela presença de tais condições no trecho, isto é, detectamos a pessoa (eu), o número (singular), o tempo (presente) e o modo (infinitivo) sem a necessidade de reestruturar o trecho.

Resposta 5:

Pode-se dizer que existe um performativo explícito nesses versos de Noel Rosa, que é o seguinte trecho: “... tenho que dizer”. Podemos dizer que é este o trecho performativo porque, de acordo com as características que Austin atribui aos performativos, esse trecho se encaixa perfeitamente, ou seja, Austin diz que o performativo deve estar na primeira pessoa do singular (existe um “eu” implícito), no presente do indicativo (verbo “tenho”) e a sentença deve estar na voz ativa (tenho que dizer).

As respostas dadas à questão B nos apresentam diferentes mecanismos argumentativos. Inicialmente, tanto na resposta 3, quanto na resposta 4, observamos a opção por uma afirmação categórica sobre a presença do performativo, já na resposta 5 essa afirmação é relativizada, procedimentos que constituem figuras de escolha. A interpretação/opinião colocada no final da resposta 4 também pode se caracterizar como tal. Contudo, observa-se a busca da comunhão com o professor na resposta 3

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

a partir de alusão a conhecimentos subjetivos, enquanto na resposta 4, vê-se a preocupação com a explicação detalhada da afirmação dada inicialmente, o que se caracteriza como uma figura de presença.

Embora apresentando as mesmas condições para a identificação de performativos, no exemplo 5 já não vemos uma figura de presença, mas de comunhão, pois essas condições são atribuídas ao teórico Austin. A citação de seu nome instaura a intertextualidade e funciona como um raciocínio por autoridade, aumentando a força argumentativa.

Diante das diferenças observadas nessas três respostas a uma mesma questão, podemos retomar Grize (1990). De acordo com o autor, os indivíduos tendem a “teorizar” suas experiências pessoais, resultando em conhecimentos diferentes sobre um mesmo objeto para as diferentes pessoas. Desta forma, mesmo os conhecimentos científicos estão subordinados a representações heterogêneas que dependem: a) do lugar da ideologia; b) do lugar das matrizes culturais; c) do lugar da prática. Portanto, o conhecimento é, em parte, subjetivo ou particular, e os objetos do conhecimento não são representados da mesma forma por todos. A eficácia de uma representação não depende exclusivamente do conhecimento científico, mas da forma como se dá a articulação, ou ainda, da organização dos elementos dessa representação no discurso.

As respostas dadas à questão C, abaixo, vão evidenciar que a imagem que fazemos do Outro influencia na construção do discurso e que este fornece indícios não só da identidade ou *ethos* desse Outro, como também do destinatário.

Questão C: Explique a seguinte piada:

FALANTE 1: Sabia que, no Jardim Ângela, um homem rouba um carro a cada 30 segundos?

FALANTE 2: Putz! Precisamos encontrá-lo e detê-lo imediatamente!

Resposta 6:

Durante a elaboração do diálogo o falante 1 referiu-se ao ladrão como “um homem”, causando ambigüidade e dando margem às seguintes interpretações.

Interpretação 1) A cada 30s um homem (diferente), um indivíduo distinto, Ex.: Paulo, Michel, Kleber, Osvaldo...etc, comete um crime, rouba um carro.

Interpretação 2) A cada 30s o mesmo homem (por exemplo o Michel) rouba um carro.

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Assim baseando-se na segunda interpretação é que surge a ironia da piada, pois o falante 1 referia-se a interpretação 1, e o falante 2 realizou a interpretação 2.

Resposta 7:

A graça seria que o falante 2 teria entendido que é o mesmo homem que rouba um carro a cada 30s, e não que um carro é roubado a cada 30s. **Portanto, o falante 2 é burro.**

Na resposta 6, a apresentação esquemática das duas interpretações possíveis do enunciado do falante 1 constitui um figura de escolha. Ainda nessa resposta observa-se a utilização de apóstrofes e de alusões (exemplos de nomes), buscando a comunhão com o professor.

Na resposta 7 é possível notar que a busca de comunhão pode ser mal interpretada pelo auditório, visto que, mesmo aceitando-se uma certa informalidade ou interação verbal na resposta do aluno, talvez um professor não aceite o que pode ser caracterizado como falta de polidez lingüística ou como inadequação do discurso à situação. Segundo Perelman (1997), o orador está sempre colocando seu prestígio em risco, já que uma palavra mal empregada no discurso pode colocar abaixo toda a confiança que o auditório depositava nele. Neste caso, em vez de obter a adesão, o sujeito pode conseguir a desaprovação do interlocutor, fruto de uma paixão negativa.

Questão D: Comente as noções de *posto* e *pressuposto* a partir do enunciado “Pedro continua falando bobagens”. Qual das duas pode ser considerada eventualmente discutível numa situação normal de comunicação?

Resposta 8:

No enunciado “Pedro continua falando bobagens”, podemos discutir as noções de posto e pressuposto propostas por Ducrot. Posto é aquilo que é dito explicitamente (...)

Resposta 9:

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

O posto é questionável e o pressuposto não se questiona é tido como verdade absoluta...Ou seja, se Pedro não falava bobagens (pressuposto), por que alguém afirma que ele continua falando bobagens? Tudo bem, isso pode ser inveja, intriga da oposição...
A verdade é que se Pedro não falava bobagens, não teria porque continuar. Agora, se ele falava bobagens, pode ter parado; ou seja, “Não continuar”. Aliás, falar bobagens é muito feio.

Além da retomada do enunciado na resposta 8 (figura de presença), destacam-se nestas respostas dois modos diferentes de se conseguir a comunhão com o auditório. Enquanto na resposta 8 busca-se essa comunhão por meio de um argumento de autoridade (citação do autor) – menos subjetivo – na resposta 9 a subjetividade se sobrepõe por meio da utilização de perguntas retóricas que não esperam uma resposta do auditório, mas objetivam apenas entrar em comunhão com ele.

Finalmente, vemos na resposta 9 que a assimetria causada por fatores como diferença de idade e papel social pode ser diminuída, ou mesmo revertida, por *paixões* positivas que sugerem reciprocidade e simetria, e que revelam tanto a identidade – o *ethos* - do orador, quanto a imagem que ele tem do auditório.

3. Considerações finais

Diante do estudo realizado até aqui, verificamos que a argumentação não busca apenas a *persuasão*, mas *negociação*, *ação* e *transformação*. No caso da interação professor/aluno, o discurso argumentativo demonstrou ser também lugar de construção de conhecimento e de constituição de identidade/alteridade.

A utilização de figuras de argumentação e retórica pelos alunos em respostas avaliativas nos mostrou a possibilidade de o professor passar a olhar de forma diferente para o aluno e para a avaliação escrita em si, considerando o aluno alguém capaz de argumentar e considerando a avaliação não mais o espaço do *juízo certo/errado*, mas sim, do *ajustamento* e da *negociação*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. R.de Janeiro: Ediouro, s/d.
GRIZE, J. B. *Logique e langage*. Paris: Orphy. 1990.

MARIANO, M. R. C. P. Estratégias argumentativas em avaliações no ensino superior. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

- GUIMARÃES, E. “Figuras de Retórica e Argumentação”. In: MOSCA, L. do L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001, p.145-160.
- MOSCA, L. do L. S. “Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos”. In: MOSCA, L. do L. S. (org.) *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001, p.17-54.
- _____. “Discurso publicitário e tradição retórica”. In: *Lumen*, Revista de estudos e comunicações, vol. 05, no. 11, 1999, 11-20.
- PERELMAN, C. *Retóricas*. São Paulo: Martins Fontes. 1997.[original de 1989]
- _____. e TYTECA, L.O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes. 1996.[original de 1958]
- _____. *O império retórico: retórica e argumentação*. Porto: Edições Asa. 1993. [original de 1977]
- PLANTIN, C. “La argumentación entre enunciación e interacción”. In: *Escritos*, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje, n. 17-18. Universidad Autónoma de Puebla. 1998. 7-21.